



**Trabalho Degradante e Geração de Energia Hidrelétrica na Amazônia**

José Alves, Doutorado, [bairral@hotmail.com](mailto:bairral@hotmail.com)

Antonio Thomaz Junior / CEGeT

**Introdução:** O Brasil nas duas últimas décadas tem passado por intensos processos políticos e econômicos, devido sua intensa inserção tardia na mundialização do capital a partir do neoliberalismo e, na última década, por conta do novo modelo de desenvolvimento econômico com base no *Novo Desenvolvimentismo*. É nesse contexto que o setor elétrico nacional passou por profundas transformações, como a privatização e outros mecanismos de Parcerias Público-Privada (PPP). O Complexo Hidrelétrico Madeira, localizado no estado do Rondônia, na região Amazônica, se insere nesse tipo de empreendimento PPP, para a construção de duas grandes Usinas Hidrelétricas (UHE) - Jirau e Santo Antonio -, consideradas modelos na retomada de projetos de infraestrutura no país, e na introdução da Amazônia como a nova fronteira hidroenergética nacional. É nesse quadro que nosso objeto de pesquisa se insere, tendo como recorte a UHE de Jirau, no estado de Rondônia. **Metodologia/Desenvolvimento:** Para a análise do trabalho degradante na UHE de Jirau, a pesquisa respalda-se teórico-metodologicamente nos conflitos e sua espacialidade no território, sendo que esse movimento é capturado pelas lentes da geografia crítica comprometida com a emancipação dos sujeitos que trabalham e estão subordinados aos ditames do capital. Assim, a pesquisa qualitativa e o trabalho de campo são centrais para o processo investigativo e é por onde apreendemos a degradação do trabalho e as especificidades quanto aos expedientes do trabalhador migrante, que se deslocam de todo o território nacional, em especial dos estados da região Norte e Nordeste do país; tráfico de pessoas e trabalho escravo; superexploração e intensificação do processo de trabalho, com vistas ao cumprimento de metas e patamares de produtividade pré-estabelecidos pelo consórcio, além da jornada de trabalho prolongada por horas extras; terceirização, quarterização e outros contratos precários; péssimas condições de vida, quanto aos alojamentos, transporte, alimentação, e condições sanitárias etc.; coerção e assédio no ambiente laboral, o que têm colocado em risco a saúde e a vida de trabalhadores. Portanto, diante do quadro nefasto em que as UHEs na Amazônia, dentre elas Belo Monte, estão sendo construídas, a saída para os trabalhadores têm sido a resistência e processos de contestação da degradação do trabalho sofridas. Para a UHE de Jirau foram deflagradas as revoltas dos trabalhadores em 2011 e 2012, com paralização e greves, assim como em 2013. **Considerações finais:** No contexto do *Novo Desenvolvimentismo* brasileiro verifica-se a ação do Estado e do grande capital nacional e internacional mediante mecanismos de superexploração e degradação do trabalho, que vão desde elementos combinados do fordismo e toyotismo até a instauração de estratégias da acumulação primitiva do capital, para que a subjugação e extração de sobretrabalho ocorram no território nacional, bem como atua na mercantilização dos recursos naturais na Amazônia brasileira, fundamenta, pois, na expropriação de ribeirinhos, populações tradicionais e camponeses dos seus territórios de existência.

**Palavras-Chave:** Trabalho, conflito, território, Amazônia, UHE de Jirau, Degradação.